



CRÍTICA FORA DO EIXO: onde fica o *resto do mundo*?

Edgar Cézar Nolasco²

Porque “o mundo inteiro” é uma ficção. A chamada “aldeia global” não existe. É apenas uma construção. Eu sempre desconfio de tudo o que é apresentado como sendo global, pois falta sentido a esse conceito. É um mundinho este nosso. Meu ponto de partida são os valores. Estes podem até se tornar mundiais, mas o ponto de partida é local. Milton Santos In: HISSA (org.) *Conversações: de artes e de ciências*, p.170.

No Brasil, tudo o que acontece fora dos grandes centros, como Rio – São Paulo e outros poucos centros, está fora do eixo, ou seja, fora de onde os acontecimentos naturalmente deveriam acontecer. Da moda à dança, passando pela música, literatura, artes plásticas e a política, tudo acontece no centro das grandes cidades do país. O poder da imprensa brasileira, da mídia de um modo geral, e o valor da crítica intelectual, que não por acaso está presa ou ao mundo massmediático ou às grandes universidades públicas, estão vinculados aos centros hegemônicos produtores e detentores do saber que, a princípio, deve espalhar-se por todas as regiões *ex-cêntricas* do país colossal.

Sem coincidências, um caso pessoal ilustra o que dizemos acima. Em agosto de 2010, o evento *Invisibilidades III*, promovido bianualmente pelo Itaú Cultural (São Paulo), convidou o grupo de pesquisa que coordeno (NECC/UFMS) para discutir sobre parte da pesquisa que desenvolvíamos naquele momento.³ Nossa sessão, que inclusive abria os trabalhos do evento, para nossa surpresa intitulava-se “Fora do eixo – A produção de ficção e crítica literária no Brasil que você não conhece”. Quero, aqui, deter-me,

¹ Este ensaio dá continuidade à discussão que venho propondo desde o texto “Crítica subalternista ao sul”, publicado em CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: subalternidade, p.51-65.

² Edgar Cézar Nolasco é professora da UFMS. Coordenador do NECC-UFMS.

³ Como a temática era Ficção Científica, os pós-graduandos que desenvolviam pesquisa sobre o assunto naquele momento e que foram, consequentemente, convidados: Arnaldo MontÁlvão, Alice Feldens e Quelciane Marucci. Informação completa, ver: http://www.itaucultural.org.br/index.cfm?cd_pagina=2841&cd_materia=1389.

mesmo que de forma rápida, no título da mesa que a seu modo contemplava muito bem o trabalho nela proposto. O grupo de pesquisadores saía da UFMS/Campo Grande, logo fora do eixo, para falar para aquele (o outro) do centro (São Paulo). Em comum, ambos tinham apenas o Brasil, já que mesmo aquela produção feita fora do eixo era brasileira(?), conforme explicava o título da mesa de abertura do evento denominado de *Invisibilidades*. Todavia interessa-me mais “o Brasil que você não conhece”, que também pode ser lido no título da sessão, posto que, em pano de fundo, é para esse mundo fora do eixo que nosso olhar se voltará, ao mesmo tempo em que é a partir desse *locus* periférico e fronteiro que nossa discussão estará assentada. Adiantando-nos na discussão, podemos dizer que se o centro não conhece o Brasil fora do eixo não é porque ele não quer, mas, sim, porque ele não pode. O problema, e aí reside toda nossa proposta crítica, é que o discurso crítico do centro teima em achar que pode falar pelo e por quem se encontra fora do eixo. O modo como, quase sempre, quem está à margem toma o que é dito pelo centro resulta noutro problema da mesma questão crítica. Para fazer jus ao título do evento, uma *invisibilidade* dupla se esboça: a primeira dá-se quando a crítica do centro acredita que seu discurso hegemônico encampa as especificidades das culturas locais periféricas. Já a segunda invisibilidade acontece quando a crítica pensada nos grandes centros do país é tomada pelas margens como capaz de dar conta de compreender problemas específicos das produções e das culturas periféricas. *Grosso modo*, podemos dizer que as universidades descentralizadas desse país colossal estão facultadas a repetir endossando a lição crítica que os grandes centros geram de forma homogênea; logo, pensando nas diferenças, ou melhor, nas especificidades, lição acrítica por excelência. Nesse caso, a crítica pensada fora do eixo às vezes não faz outra coisa senão reforçar sua *invisibilidade*, sobretudo quando toma a lição crítica pensada no contexto dos centros avançados do país como único meio para se compreender as representações culturais das margens. Que a crítica pensada no centro aspire à totalidade, podemos até entender com uma certa facilidade, posto que as relações hierárquicas são históricas; agora que a crítica fora do eixo continue a receber passivamente os conceitos elaborados no centro é algo inaceitável, uma vez que tal gesto não faz outra coisa senão reforçar sua subalternidade. Mas vamos por parte.

Eixo, fora do eixo, centro e periferia, local e global, Norte e Sul, Brasil, Estados Unidos e América Latina, sob o fio dessa dualidade ancora-se a discussão proposta neste ensaio, mesmo quando se tem, de antemão, a convicção de que tal dualidade só levaria qualquer reflexão crítica feita na contemporaneidade ao cansaço. Mas como rechaçar tal dualidade, quando as diferenças persistem nas discussões críticas? A saída está na proposição de uma nova *episteme*, um novo pensamento crítico que proponha, desde o início, descolonizar a crítica tradicional do centro, bem como aquela figura do intelectual que, por pensar do/no centro, acha-se no direito de pensar por aquele que se encontra fora do eixo. Claro que estamos aqui assentados na importante discussão proposta por Walter D. Mignolo, no livro *Histórias locais/Projetos globais*, sobretudo quando discute

a diferença colonial e propõe o pensamento liminar: “somente se pode transcender a diferença colonial da perspectiva da subalternidade, da descolonização e, portanto, de um novo terreno epistemológico que o pensamento liminar está descortinando.”⁴

A discussão que estamos propondo, inicialmente entre eixo e fora do eixo, delimita-se ao Brasil, especificamente no tocante a uma descolonização crítica e as implicações nela arroladas. Todavia tal relação interna encontra desdobramentos perfeitos nas relações externas como crítica latino-americana (pensada dos Estados Unidos e quase sempre em inglês) e crítica latina (a realizada na América latina em espanhol). Justifico, assim, que me valerei às vezes destes casos tão bem discutidos pelo crítico argentino, por todo seu livro, para aproximar-me daquela problematização interna (eixo x fora do eixo) da crítica brasileira.

Como partilho da possibilidade de se pensar criticamente por fora de qualquer dualidade possível, valho-me das palavras de Mignolo que não por acaso encontram-se fechando seu livro *Histórias locais/Projetos globais* (que as últimas palavras do crítico sejam o começo das minhas):

Dentro e fora, centro e periferia são metáforas dúplices que dizem mais sobre os *loci* da enunciação do que sobre a ontologia do mundo. Há e não há dentro e fora, centro e periferia. O que realmente existe é a fala de agentes que afirmam ou negam essas oposições dentro da colonialidade do poder, da subalternização do conhecimento e da diferença colonial. O último horizonte do pensamento liminar não está atuando apenas em direção a uma crítica de categorias coloniais; está atuando também no sentido de reverter a subalternização dos saberes e a colonialidade do poder. Também indica uma nova maneira de pensar na qual as dicotomias podem ser substituídas pela complementaridade de termos obviamente contraditórios. O pensamento liminar poderia abrir as portas para uma outra língua, um outro pensamento, uma outra lógica, superando a longa história do mundo colonial/moderno, a colonialidade do poder, a subalternização dos saberes e a diferença colonial.⁵

O mais sedutor da passagem de Mignolo é que, se, por um lado, o crítico apresenta as dicotomias (como dentro e fora, por exemplo) como “metáforas”, por outro lado, e quase beirando um gesto denegativo, afirma que “há e não há dentro e fora”. É essa aparente contradição, por sua vez, que nos permite, por exemplo, deter em nossas especificidades culturais, nosso *locus*, nos problemas críticos internos, como estou propondo aqui. Em vista disso, e tendo em pauta a discussão acerca da relação eixo x fora do eixo, é que entendemos que não basta a questão dos “*loci* de enunciação”, apesar de ela já fazer a diferença na perspectiva crítica; também é condição *sine qua non* que se leve em conta o local (territorialmente falando) de onde tal crítica (fora do eixo) é erigida. A discussão proposta por Mignolo também não escapa aos locais geoistóricos: “insisto que, quando digo local geoistórico, não estou falando apenas de um lugar geográfico específico,

⁴ MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p.76.

⁵ MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p.454.

mas de um lugar geográfico com uma história local particular.”⁶ Em nossa discussão, ao pontuarmos a importância da especificidade do lugar no bojo de qualquer reflexão crítica, acabamos por mostrar que para a crítica fora do eixo, subalterna por excelência (aqui o equivalente ao pensamento liminar para Mignolo), são necessárias tanto a *perspectiva subalterna* quanto a *perspectiva territorial*. Entendemos que, com isso, não estamos discordando do pensamento liminar de Mignolo; apenas estamos postulando que, se, por um lado, a crítica fora do eixo está condenada a apropriar-se das *diferenças* todas impostas pela crítica hegemônica do(s) centro(s), tornando-se por conseguinte “um mero objeto de estudo mais que um potencial epistêmico”, por outro lado, essa crítica descentralizada (fora do eixo) e, por conseguinte, conhecedora de seu lugar de situabilidade no espaço propõe uma descentralização/descolonização crítica da crítica migrada do centro. Mais do que fazer a crítica da crítica, à crítica fora do eixo está facultado propor uma reflexão que emerja de seu próprio local geohistórico, como forma de não ficar apenas repetindo, ou lendo na diferença crítica/colonial, o que é da ordem de suas especificidades críticas e culturais. Quando se leva em conta os “*loci* de enunciação”, propostos por Mignolo, e o local geohistórico da crítica fora do eixo, corre-se menos risco, em todos os sentidos, de se reforçar qualquer binarismo crítico.

30 A ideia de crítica fora do eixo empregada aqui tem em pano de fundo o campo móvel das fronteiras, das margens, da subalternidade e da periferia, por exemplo. Somando-se a isso o fato de que os vários termos empregados pela crítica contemporânea, como pós-ocidentalismo, pós-colonialidade, entre outros pós, são todos de natureza pós-crítica, denominamos, a partir de agora, a crítica feita fora do eixo de crítica *pós-crítica*.⁷ Com base nisso, podemos dizer que pensar pós-ocidentalmente é pensar pós-criticamente, isto é, articular uma reflexão crítica que tenha a periferia, o fora do eixo, como discussão, e que tal discussão se dê por fora do olhar hegemônico e imperial do centro. Se a crítica é uma reflexão nascida nos centros, entendemos, por conseguinte, que somente uma crítica de natureza pós-crítica erigida da/na periferia pode ler na diferença as especificidades geohistóricoculturais de seu *locus* de enunciação. No Ocidente, a periferia sempre foi pensada do/no centro. Nessa perspectiva central e centralizadora, a periferia sempre existiu em sua condição de subalternidade, mas, na verdade, nunca foi escutada pelo centro, uma vez que não lhe interessava escutar. O centro, ou centros hegemônicos de poder, de decisão e, por conseguinte, de julgamento crítico, sempre fez ouvidos moucos, teleguiando, por meio de seu olhar castrador, todo o resto, ou aquilo ou aqueles que simplesmente ficavam de fora de seu olhar compressor/hegemônico. A *episteme* proposta por uma crítica pós-crítica, ou fora do eixo, não propõe simplesmente inverter o olhar. Antes, e pelo contrário, uma de suas funções seria traduzir a lição crítica que chega do centro, ou de fora do país, interpretando de que forma os conceitos ainda ajudariam a

⁶ MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p.254.

⁷ Não posso deixar de aludir ao título do belo livro de Eneida Maria de Souza intitulado *Tempo de pós-crítica* (2007).

pensar as especificidades periféricas, ao invés de tão somente aplicá-los, como se vê tão comumente num país colossal como o Brasil. Outra função, e concomitante àquela, seria a de pôr em articulação seu próprio papel enquanto crítica fora do eixo, como forma de marcar para o outro (ou outra crítica) e para ela mesma sua posicionalidade no mundo intelectual. Julgo ilustradora de nossa discussão, uma passagem de Ella Shohat a respeito das teorias pós-coloniais, mas já acrescida do que Mignolo propõe a respeito do pós-ocidentalismo:

O termo “pós-colonial” seria mais preciso, portanto, se articulado como “teoria pós-teoria Primeiro/Terceiro Mundos”, ou “pós-crítica anticolonial”, como um movimento para além de um mapeamento das relações de poder entre “colonizador/colonizado” e “centro/periferia” relativamente binarístico, fixo e estável. Tais rearticulações sugerem um discurso mais nuancado, que permite movimento, mobilidade e fluidez. Aqui, o prefixo “pós” faria sentido menos como “depois” que como seguindo, indo além e comentando um certo movimento intelectual — a crítica anticolonial terceiro-mundista — ao invés de para além de um certo ponto na história — o colonialismo; pois aqui “neocolonialismo” seria uma forma menos passiva de tratar a situação dos países neocolonizados, e uma modalidade de engajamento politicamente mais ativa.⁸

Embasados no que postula Mignolo, entendemos que uma crítica que se encontra na condição de fora do eixo articula-se como uma pós-crítica por escapar de quaisquer dualismos, inclusive crítico. Tal desarticulação crítica propõe um discurso que, em seu próprio movimento, faz a crítica da crítica, num movimento de vórtice: ao mover-se, construindo-se como um discurso pós-crítico, também rediscute o movimento do discurso da crítica do centro que teima em se sobrepor (colando-se acriticamente) aos discursos críticos subalternos. A *episteme* crítica que formula uma crítica fora do eixo ou de pós encontra respaldo em uma articulação crítica subalternista, sobretudo quando esta visa “uma transformação teórica e epistemológica na academia”, como conclui Mignolo.⁹ Nessa direção, podemos dizer que um dos papéis da crítica fora do eixo é, ao invés de aceitar e replicar passivamente, desarticular o discurso crítico hegemônico formatado nas grandes academias dos grandes centros do país, que teima em achar que o que é pensado nos centros pode servir, em sua totalidade, para o que se produz nas periferias. Como nas periferias, nas margens da nação, nas universidades fora dos centros são produzidos outros saberes e outros conhecimentos, então nada mais necessário do que um outro (não novo) pensamento crítico para poder acompanhar tais produções descentralizadas. Uma crítica fora do eixo, ou pós-crítica, pode ser tomada como uma “razão subalterna” na medida em que ela é entendida como uma prática crítica que, ao rediscutir os conceitos impostos pela crítica do centro, desconstrói qualquer traço vinculado à velha crítica moderna (modernidade, ocidental, central). O que Walter Mignolo conceitua como “gnose liminar” ajuda-nos na discussão que propomos:

⁸ *Apud* MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p.139.

⁹ MIGNOLO. *Histórias locais/Projetos globais*, p.139.

Assim, a gnose liminar é um anseio de ultrapassar a subalternidade e um elemento para a construção de formas subalternas de pensar. Dessa maneira, o “pós” em pós-colonial é significativamente diferente de outros “pós” em críticas culturais contemporâneas. Sugerirei posteriormente que há duas formas fundamentais de criticar a modernidade: uma a partir das histórias e legados coloniais (pós-colonialismo, pós-ocidentalismo e pós-orientalismo) e a outra, pós-moderna, a partir dos limites das narrativas hegemônicas da história ocidental.¹⁰

Na discussão proposta por Mignolo, “gnose liminar” e “pensamento liminar” são a mesma coisa. Na verdade, entendemos que o pensamento *gnosiológico* do crítico vem se contrapor à hermenêutica e à epistemologia, por serem estritamente acadêmicas. Também é nessa direção que se encaminha uma crítica pensada fora do eixo: torna-se um modo crítico capaz de construir “formas subalternas de pensar” que escapem ao modelo crítico imposto pelo centro, isto é, pela academia. Nessa direção, a crítica fora do eixo discute a construção de um “conhecimento” que, geralmente, encontra-se de fora da discussão da crítica articulada do/no centro. Geralmente também acontece o oposto: o trabalho crítico da crítica fora do eixo resume-se em repetir os conceitos e as lições decoradas (do centro), acreditando ser eles o “verdadeiro” e o “indiscutível” dentro de uma cultura acadêmica hegemônica, como a encontrada no país. Já sinalizamos, mas vale a pena frisar, que não estamos propondo separações dualistas e acríicas, quando pautamos nossa discussão entre “fora do eixo” e “eixo”, por exemplo. Nossa leitura crítica, ao invés de simplesmente inverter o olhar binarista (da zona fora do eixo para o centro), visa descolonizar o ranço de uma epistemologia moderna demais que ainda repousa na articulação da crítica do centro quando o assunto é o resto da discussão crítica (o resto do país, *o resto do mundo*). O que ambos os olhares críticos precisam saber é que um crítico da margem, da periferia, logo que se encontra na condição de fora do eixo, não seria nunca o mesmo crítico que se encontra no centro, no eixo, pois “o primeiro está no local do objeto, não na do sujeito do estudo”.¹¹ Como já demos a entender, nossa leitura não visa inverter as posições, ou condições dos sujeitos críticos. Antes queremos pensar que a crítica fora do eixo pode articular uma *episteme* crítica específica que, ao invés de rechaçar a crítica migrante do centro, barre sua pretensão de achar que pode representar o que é da ordem da especificidade exclusiva de uma crítica subalterna (das margens, fronteiras, limites, fora do eixo etc).

Na sequência de sua discussão, por meio da qual mostra que gnose liminar e pensamento liminar são uma mesma coisa, Mignolo diz que essa reflexão liminar propõe um diálogo, por um lado, entre o “debate sobre o universal/particular”, por outro, com a “noção de ‘insurreição dos saberes subjugados’” propostos por Foucault. Interessa-nos, aqui, de modo particular tais saberes subjugados foucaultianos, por entender que eles ilustram mais de perto o saber subalterno gerado por uma crítica fora do eixo. De acordo com Foucault, os saberes subjugados deveriam ser compreendidos como

¹⁰ MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p.140.

¹¹ MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p.35.

algo que de certa forma é totalmente diferente, isto é, todo um sistema de conhecimento que foi desqualificado como inadequado para suas tarefas ou insuficientemente elaborados: saberes nativos, situados bem abaixo na hierarquia, abaixo do nível exigido de cognição de cientificidade. Também creio que é através da reemergência desses valores rebaixados, [...] que envolvem o que eu agora chamaria de saber popular embora estejam longe de ser o conhecimento geral do bom senso, mas, pelo contrário, *um saber particular, local, regional, saber diferencial incapaz de unanimidade e que deve suas forças apenas à aspereza com a qual é combatido por tudo à sua volta — que é através do reaparecimento dessa saber, ou desses saberes locais populares, esses saberes desqualificados, que a crítica realiza a sua função.*¹²

Um saber subalterno, essencialmente periférico e marginal de origem, sempre local, um “saber diferencial incapaz de unanimidade” e que deve suas forças à sua condição de produzir criticamente suas especificidades geostóricoculturais— assim pode ser nominado o saber produzido pelo pensamento crítico fora do eixo. Tal como Mignolo faz por todo seu livro, o filósofo francês, ao trabalhar a distinção entre saberes disciplinares e saberes subjugados, estava preocupado em “questionar a própria fundação do saber acadêmico/ disciplinar e especializado”.¹³ Depois de nos lembrar que a genealogia propunha a “união de ‘saber erudito e memórias locais’”, Mignolo volta a citar Foucault, para quem o que a genealogia especificamente fazia era

apoiar o direito à atenção dos saberes locais, descontínuos, desqualificados, ilegítimos, contra as pretensões de um corpo unitário de teoria que pretendia filtrar hierarquias e ordená-las em nome de um saber verdadeiro e uma ideia arbitrária do que constitui uma ciência e seus objetos.¹⁴

Sob o fio da navalha do dualismo, mas longe de uma condição de barricadas e fossos, a crítica fora do eixo volta-se para os saberes locais, subalternos por excelência, como forma, especificamente, de barrar as pretensões da crítica do centro enquanto um corpo unitário de crítica que pretenda filtrar hierarquias e ordená-las a seu bel-prazer em nome de um saber verdadeiro, centralizador, hegemônico e sumariamente excludente. Apesar de entender que Mignolo aproxima os saberes subjugados de Foucault de seus saberes subalternos, quero pensar que Mignolo avança a discussão foucaultiana: se, por um lado, Foucault *apóia o direito à atenção dos saberes locais*, há, contudo, o lugar para uma crítica centralizadora cujo papel e função realizar-se-iam a partir do momento em que essa crítica do centro encampasse os saberes subjugados; já Mignolo, por sua vez, ao propor sua discussão em torno dos saberes subalternos, o faz a partir da descentralização de uma crítica hegemônica embasada no “domínio da hermenêutica e da epistemologia enquanto palavras-chave que controlam a conceitualização do saber.”¹⁵

¹² *Apud* MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p.44. (grifos meus)

¹³ MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p.45.

¹⁴ *Apud* MIGNOLO. *Histórias locais/ projetos globais*, p.45.

¹⁵ MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p.49.

É a condição de objeto de estudo, na qual se encontra a crítica fora do eixo, ou pós-crítica, que a convoca a construir formas subalternas de pensar. Também é por reconhecer que se encontra no lugar do objeto, ao invés da do sujeito que estuda, que o intelectual crítico fora do eixo propõe um diálogo entre centro x periferia, eixo x fora do eixo, Brasil x Estados Unidos, Brasil x América Latina, por exemplo, como forma de mostrar que, na verdade, ele não se encontra *ad eternum* nesse lugar que o determinaram como seu de origem. Em “Postoccidentalismo: el argumento desde América Latina” Walter Mignolo lamenta que a imagem subalterna da América Latina — ao que aqui estendemos aos locais periféricos e subalternos, *ex-cêntricos* por excelência, sobretudo quando se tem um país colossal como o Brasil — ainda seja vigente na relação Norte e Sul, dentro e fora, e internamente como ilustra nossa discussão em torno do fora do eixo x eixo. É lamentável, sobretudo, quando constatamos que o olhar crítico imperante e hegemônico ainda esteja assentado nessa perspectiva hierarquizante, cujo modo de olhar vesgo só consegue julgar o de fora tendo como parâmetro o que outrora fora pensado dentro. Leituras críticas contemporâneas têm, a seu modo, desfeito essa visada crítica universalizante, equivocada e preconceituosa, posto que ancorada numa hermenêutica e numa epistemologia acadêmica e disciplinar caducas demais. Entre tais leituras que vêm fazendo a diferença colonial, merece destaque o livro aqui exaustivamente citado *Histórias locais/ Projetos globais* (2003), de Walter Mignolo; o livro *Teorias sin disciplina*, organizado

por Santiago Castro-Gómez y Eduardo Mendieta (1998) e o livro *El giro decolonial* (2007), de Santiago Castro-Gómez e Ramón Grosfoguel. Tais leituras fogem dos binarismos por não se prenderem mais a questões como particular e universal, nem muito menos à teoria da dependência cultural, tão exaustivamente estudada no Brasil e em toda a América Latina. No ensaio citado, ao mostrar a importância do “Pós-ocidentalismo” como trajetória do pensamento crítico na América Latina, Mignolo constata que uma dramática colonização intelectual ainda persiste:

América Latina deja de ser el lugar donde se producen teorías, para continuar siendo el lugar que se estudia. [...] la mirada desde el norte que convierte a América Latina en un área para ser estudiada, más que un espacio donde se produce pensamiento crítico.¹⁶

Tal problema, ressalvadas as diferenças, ocorre internamente no país (talvez ainda como um ranço da colonização), posto que compete à crítica do eixo (isto é, dos grandes centros massmidiáticos, das grandes universidades brasileiras que não por acaso recebem mais verbas públicas, redutos da *intelligentsia* brasileira) valer-se das periferias deste país continental com seus povos e línguas (como o portunhol, o guarani, a linguagem do homem pantaneiro, só para citar os mais próximos de meu *locus* cultural) para estudá-los, na maioria das vezes, como objeto, e quase sempre, aliás, e o que é mais daninho criticamente, como objeto exótico (herança romântica talvez), ou marginalizado, periférico, no mal sentido das palavras. Reconheço, todavia, que há uma boa intenção

¹⁶MIGNOLO. “Postoccidentalismo: el argumento desde América Latina”, s.p.

nessa crítica central(izadora), acadêmica e com *sapientia* demais, apesar de quase sempre falar sem conhecimento de causa (que contradição!), ou do *locus* periférico com suas especificidades, o que dá no mesmo. Aliás, e para não perder o trocadilho, de boa intenção o inferno está cheio. O fato é que aquele crítico que julga do centro, não julga como aquele que está fora do centro, e vice-versa. Um dos motivos seria porque um não pode ocupar o lugar do outro. Artigo, por exemplo, minha reflexão, a partir da condição de fora do eixo em que estou situado dentro do país: uma zona territorial marcada pela transfronteiridade, banhada pelo pântano e pelo cerrado ao mesmo tempo, um centro (de região Centro-oeste) sem centro, lugar limítrofe de lugares sem lei. De modo que uma zona fora do eixo somente pode produzir uma crítica fora do eixo que venha marcada por suas especificidades, sua espacialidade, sua condição geoistóricocultural.

Insisto, na esteira de Mignolo, que, quando falo em crítica fora do eixo, falo em *um lugar geográfico com uma história local particular*: o estado de Mato Grosso do Sul e sua condição de fronteira com os países lindeiros Bolívia e Paraguai. Uma crítica erigida desse *locus* e com essa consciência tem o papel político de contribuir para a restituição das histórias locais como produtoras de conhecimento que descentrem a crítica hegemônica que migrou e a epistemologia global imperante. Às vezes, parodiando Mignolo, é melhor as teorias e as críticas não migrarem para fora do eixo, ultrapassando fronteiras culturais acriticamente. Mais adiante voltaremos a essa questão. Pensar criticamente sobre, ou a partir de uma condição de fora do eixo, que deve ser espacial e imaginária, ao mesmo tempo em que leva o crítico a propor uma nova epistemologia, também o ajuda a elaborar um pensamento crítico que, nas palavras de Mignolo, *deriva das histórias locais*. É nessa direção que entendemos a perspectiva pós-ocidentalista do crítico: ao invés de reproduzir as estruturas dos estudos de área, a epistemologia de uma crítica hegemônica, um discurso que visa uma totalidade, por ser acadêmico e disciplinar por excelência, tal perspectiva crítica ultracontemporânea propõe uma discussão crítica sem precedentes na história da crítica na América Latina. Quando Mignolo pontua as limitações das práticas disciplinárias, fica mais evidente o problema a ser enfrentado por uma crítica de natureza pós-ocidental, ou pós-crítica:

En la medida en que las prácticas académicas y científicas (ciencias sociales) se asientan en las regiones de gran desarrollo económico y tecnológico, las regiones de menor desarrollo económico y tecnológico no pueden competir o mantenerse al mismo nivel en la producción de conocimientos. La tarea intelectual académica se divide entonces entre zonas donde se produce ‘conocimiento’ sobre ciertas regiones y zonas em donde se produce ‘cultura’.¹⁷

Se a zona do eixo não produz mais “conhecimento” sobre a zona fora do eixo (fronteira e marginal) como se pensava, então chegou a hora de se voltar para a compreensão do conhecimento e dos locais de cultura que emergem dessa zona

¹⁷ MIGNOLO. *Teorias sin disciplina*, s.p.

atravessada por uma “epistemologia fronteriza” (Mignolo) específica: “la reorganización de la producción del conocimiento, desde una perspectiva posoccidentalista, tendría que formularse em uma epistemologia fronteriza em la cual la reflexión (filosófica, literaria, ensayística), incorporada a las historias locales, encuentra su lugar em el conocimiento desincorporado de los diseños globales em ciencias sociales.”¹⁸ Uma epistemologia fronteiriça, uma crítica pós-crítica, ou uma crítica pós-ocidental, deve articular-se para além de quaisquer binarismos, se quiser constituir-se enquanto tal por fora de qualquer ranço de um pensamento hegemônico ocidental, de qualquer modernidade, de qualquer perspectiva acadêmica e disciplinar. É nessa direção que entendemos que a “epistemologia fronteriza” aproxima-se do “pensamento liminar” de Mignolo e que ambos ajudam-nos a compreender melhor a forma como a crítica do eixo migra para as fronteiras, bem como o modo como a crítica dessa condição de fora do eixo “dialoga” com a hospedeira.

A crítica na fronteira, assim como a vida, *é concebida e experimentada em e de perspectiva diferente*¹⁹: por sua condição de fora do eixo, por seu *locus* geohistóricocultural, por sua condição de transfronteiridade, está condenada a transculturar tudo o que recebe (hospeda) da crítica do centro, ou da de fora. Isso se dá, na verdade, com relação à crítica itinerante vinda do centro. Porque, na verdade, a vida na fronteira está mais

36 para a condição de cultura na fronteira. Ambas, por conta da indissociabilidade entre línguas, povos e culturas, fundem-se quase que mutuamente. Com a crítica, todavia, reconhecemos que o processo dá-se um pouco diferente. Na prática acadêmica, a crítica da fronteira, isto é, subalterna e periférica, e que aqui a denominamos de fora do eixo, está acostumada a receber acriticamente a crítica do eixo. Não estou dizendo que este seja o papel de uma crítica periférica. Aliás, a rubrica de subalterna sequer combina com esse trabalho acrítico passivo, no qual os conceitos, as lições arquitetadas nos centros hegemônicos, são simplesmente empregados nas discussões periféricas. Infelizmente, quando se trata de um país colossal como é o Brasil, onde as diferenças e os direitos (distribuição de valores, bolsas, projetos, condições de trabalho) variam ainda de acordo com as localizações das universidades públicas, e, claro, com as interferências políticas regionais, as diferenças entre centros e periferias, desenvolvimentos e atrasos, Norte e Sudeste (Sul) e Centro-Oeste ainda são gritantes. Nesse campo, o preconceito, por conta do desconhecimento de causa antes mencionado, é visível entre os discursos críticos do centro e os de fora do eixo. Resta saber se os balbucios críticos dos discursos periféricos estão sendo escutados pela crítica dos centros desenvolvidos do país, ou se esta continua a fazer ouvidos moucos? Ou também se há alguma coisa para ser escutada, uma vez que a crítica fora do eixo foi simplesmente treinada para repetir como lição crítica incontestável

¹⁸ MIGNOLO. *Teorías sin disciplina*, s. p.

¹⁹ Ver MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p.340.

o que aprendera com a crítica dos centros desenvolvidos? Na verdade, o que se percebe é que o exercício da repetição e da tradução, no mal sentido da palavra, foi levado à exaustão como a única forma de se adquirir o conhecimento crítico e, por conseguinte, de pô-lo em prática pelas academias periféricas. Estou aqui propositalmente pegando a relação eixo e fora do eixo dentro do país, mas, como já disse, entendo que a mesma relação pode, e deve, ser pensada entre países periféricos e Estados Unidos, América Latina e Brasil, por exemplo, e vice-versa. O diálogo crítico entre as críticas desses países não se dá de modo diferente.

Homi Bhabha, em *O local da cultura*, ao trabalhar sobre a “teoria itinerante”, por meio da qual vemos que *o espaço do povo-nação moderno nunca é simplesmente horizontal*, adverte-nos de que “precisamos de um outro tempo de escrita que seja capaz de inscrever as interseções ambivalentes e quiasmáticas de tempo e lugar que constituem a problemática experiência ‘moderna’ da nação ocidental”.²⁰ Todavia é o crítico argentino Walter D’Mignolo, em *Histórias locais/ Projetos globais*, que se detém em torno das “teorias itinerantes”. Assim, tendo por base o que propõe o crítico, sobretudo no capítulo “Os estudos subalternos são pós-modernos ou pós-coloniais?”, vamos discutir o modo como nosso *locus* geoistórico (o estado de Mato Grosso do Sul e sua condição de fronteira) hospeda e dialoga com a crítica itinerante vinda dos centros (internos e externos).

O lugar geoistórico de onde articulamos nossa reflexão, o estado de Mato Grosso do Sul que fica ao Sul da região Centro-oeste, mais precisamente na fronteira entre os países limítrofes Paraguai e Bolívia, lugar mais comumente conhecido como lugar onde o sol de pône, tem produzido uma crítica acadêmica e midiática fora do eixo que, *grosso modo*, ao invés de procurar acompanhar o processo de transculturação *continuum* operacionalizado pela cultura local, não faz outra coisa senão autenticar a crítica vinda de fora. Se tal aceitação não fosse para compreender criticamente a cultura local e suas especificidades não veríamos tanto problema crítico; o problema é que tal gesto equivocado dá-se em torno da própria cultura do *locus* em questão. A fronteira sem lei aqui em discussão, e que impõe os seus próprios limites, se, por um lado, pode representar simbolicamente a clareza (um processo transculturador arcaico e infinito do lugar), por ter o sol suspenso sobre ela, como que a demarca os limites do sul-sul, por outro lado, enquanto lugar de fora do eixo, de periferia e de subalternidade, representa ‘el lado oscuro del renacimiento’.²¹ Um tom sombrio é detectável no modo como a crítica fora do eixo hospeda a crítica de fora, sobretudo porque aquela ainda não conseguiu se desvencilhar dos legados coloniais desta crítica que, por estarem marcados nas memórias locais e no melhor da reflexão do intelectual periférico, é reforçada *como nova forma de colonização, e não como novo instrumento, para iluminar a inteligência de seus anfitriões ou revelar uma realidade que não*

²⁰ BHABHA. *O local da cultura*, p.201.

²¹ *Apud* RODRIGUEZ. “Hegemonia y dominio: subalternidad, um significado flotante”, s.p.

podia ter sido percebida sem o seu deslocamento para o lugar²² subalterno. Se a crítica do centro sofresse uma transculturação quando aqui chegasse, ela não exerceria esse papel iluminador e, por conseguinte, castrador, de achar que pode teleguiar a inteligência dos hospedeiros, nem muito menos visar revelar uma realidade que só seria vista como consequência de seu deslocamento do eixo para o fora do eixo. Tal crítica precisa ser, cada vez mais, posta sob suspeição por todos os anfitriões, e de modo especial pelos da academia, uma vez que compete a este tipo de intelectual não embarcar acriticamente nas epistemologias ancoradas numa tradição do centro. Essa via de mão única que traduz o modo como a crítica subalterna recebe e hospeda a crítica do centro não permite que se discuta a relação, por exemplo, entre a produção do saber e o local geográfico. Este, na verdade, que deveria ser o ponto de partida para uma articulação fora do eixo, acaba ficando completamente de fora do/no modo crítico hierárquico como vem acontecendo (do eixo para fora do eixo). As teorias, as críticas, todas viajam e em todas as direções. O problema reside quando elas não são transculturadas, como acontece e vem acontecendo com a crítica do centro e de fora que aportam nesse lado da fronteira-sul. E, por não sofrer uma transculturação, tal crítica não se torna um objeto de estudo. Antes, serve como meio estratégico, isto é, epistemológico, para estudar os objetos locais, inclusive a própria crítica fora do eixo e sua aferição enquanto tal.

38

Zona de fronteira, “epistemologia fronteriza”, crítica migrante, pensamento liminar parece ser a saída para a discussão crítica aqui proposta. Não por acaso, fronteira, limite e liminar etimologicamente estão muito próximas. De acordo com o *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, a palavra liminar significa aquilo “que constitui o começo, o início de alguma coisa, [...] relativo a, situado em ou que constitui limite ou ponto de passagem; que antecede a passagem de um indivíduo a uma nova categoria ou posição social.” Estamos, com isso, querendo contornar o desenho do *locus* geográfico no qual nos situamos, bem como o sujeito nele imbricado, visando pontuar um problema específico encontrado na crítica articulada desse lugar. Para tanto, recorreremos a Bhabha que, não por acaso, subintitula a Introdução de *O local da cultura* como “Vidas na fronteira”. Ali, desde a epígrafe que é de Heidegger, vemos a aproximação conceitual entre pensamento liminar e fronteira: “uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconheceram, a fronteira é o ponto a partir do qual *algo começa a se fazer presente*”.²³ Na sequência, Bhabha mostra que os limites epistemológicos dos discursos eurocêntricos são também as fronteiras discursivas dos sujeitos migrantes, isto é, subalternos. Aliás, a condição de ser ou estar migrante é a condição primeva de todo sujeito subalterno. É em torno dessa discussão, que o autor de *O local da cultura* reconhece que

²² Ver MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p.240.

²³ *Apud* BHABHA. *O local da cultura*, p.19.

a fronteira se torna o lugar a partir do qual *algo começa a se fazer presente* em um movimento não dissimilar ao da articulação ambulante, ambivalente, do além que venho traçando: ‘sempre, e sempre de modo diferente, a ponte acompanha os caminhos morosos ou apressados dos homens para lá e para cá, de modo que eles possam alcançar outras margens...A ponte *reúne* enquanto passagem queatravessa.’²⁴

A definição dicionarizada de “liminar” e a fronteira enquanto lugar onde algo começa a fazer sentido captam a condição ambulante e ambivalente, fronteira e fora do lugar (do eixo), migrante de origem, na qual convive (sobrevive) todo e qualquer sujeito subalterno. Aprendemos com o pensamento liminar de Mignolo que pelo fato de o crítico fora do eixo habitar e vivenciar na condição de liminalidade, ele pode captar e traduzir sua experiência por meio de sua reflexão crítica. Ou seja, vê-se com isso que é possível “teorizar da margem”, como diz Mignolo. Esse tipo de crítico, de intelectual, tem o domínio de toda uma “teorização civilizada” encontrada nos centros, mas, diferentemente dos críticos dos centros, tem também uma “teorização bárbara”: esta reflexão crítica fora do eixo acaba sendo para todos os mundos, inclusive (neste caso partindo de um resto específico: a fronteira-sul de Mato Grosso do Sul que convive perenemente aberta para toda a América Latina) para os outros *restos do mundo* (justifico aqui o subtítulo deste ensaio), porque transcultura suas especificidades com base em seu *locus* geohistóricocultural e em uma nova epistemologia que advém desse processo cultural transculturador. No bojo dessa discussão, entendemos que só uma crítica selvagem pode acompanhar e compreender os passos do sujeito migrante subalterno dessa região marcada pela transfronteiridade, cujo destino é andar por sobre a navalha ou condição de imensidão (espacialidade) que redesenha o mapa geohistórico do lugar. Mignolo emprega a palavra “margem” no sentido de “limiar e liminalidade, como dois lados ligados por uma ponte, como um local geográfico e epistemológico”.²⁵ Como podemos apreender das passagens de Bhabha e de Mignolo, o sujeito subalterno reúne-se, encontra-se consigo mesmo no tempo presente da travessia, sua única condição. A fronteira pode ser o caminho que aponta para os dois lados. A condição para a sustentação de um discurso crítico fora do eixo depende de o intelectual saber, primeiro, inscrever-se com base em todas suas “sensibilidades’ pessoais/locais e, ao mesmo tempo, que seu discurso crítico subalterno ancora-se tanto no *locus* territorial quanto no epistemológico. Ainda sobre a discussão, Mignolo explica que as margens “não são mais as linhas onde se encontram e dividem a civilização e a barbárie [“a ‘fronteira da civilização’ em fins do século 19 tornou-se a ‘margem’ do fim do século 20”], mas o local onde uma nova consciência, uma gnose liminar, emerge da repressão acarretada pela missão civilizadora”.²⁶ Se no Brasil, e aqui pensando especificamente no bojo da crítica nacional, por um lado, os limites entre as margens e os centros, o eixo e o fora do eixo estão bem delimitados, por outro lado, o que não está bem especificado é o modo como a crítica articulada nos grandes centros do

²⁴ BHABHA. *O local da cultura*, p.24. (grifos do autor)

²⁵ MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p.416.

²⁶ MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos globais*, p.404.

país dialoga com as críticas periféricas que vêm emergindo das bordas da nação. Talvez nos reste lembrar, e aqui sempre na esteira do pensamento liminar do crítico, que as fronteiras internas do país não são mais “um espaço a ser conquistado” nem criticamente. As fronteiras, as margens, não são mais o lugar onde fica o resto do mundo. O resto do mundo não é mais *aqui*. Nenhuma fronteira neste século XXI pode mais ser estudada pelo outro, quer este seja de fora ou de dentro. Enquanto lugar que amalgama as histórias locais, as fronteiras produzem sua própria teoria e crítica específicas que escapam a qualquer ideia de universalidade. O resto do mundo da fronteira-sul situa-se na mobilidade dos pássaros do poeta que voam “depois do último céu”,²⁷ reunindo-se na dispersão, num tempo presente *continuum* da história.

As vidas na fronteira, assim como a crítica que se articula na encruzilhada da transfronteiridade, transformam-se, como transculturam-se as fronteiras. São as “sensibilidades”, isto é, as especificidades, que pontuam suas diferenças geoistóricoculturais. Tais sensibilidades, ou especificidades, talvez por constituírem o campo do *bios*, não são intrínsecas à natureza; antes “formam-se e transformam-se, criam-se e perdem-se” no decorrer da vida.²⁸ Quando, no início de nossa reflexão, incluímos a questão da territorialidade como essencial para a discussão que propúnhamos, era porque tínhamos aprendido com Mignolo *que as sensibilidades dos locais geoistóricos relacionam-se com um sentido de territorialidade*, incluindo “a língua, o alimento, os odores, a paisagem, o clima e todos os signos básicos que ligam o corpo a um ou diversos lugares”.²⁹ Uma crítica fora do eixo articula-se com base nessas sensibilidades que são inerentes ao seu *locus* geoistórico. Na esteira do crítico, são essas sensibilidades que deveriam orientar qualquer reflexão crítica, quer esta seja feita do eixo, ou de fora do eixo. Antes de alçar vôo para fora do *último céu*, a crítica fora do eixo precisa reconhecer as marcas históricas *colonizadas* em seu próprio corpo.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago y MENDIETA, Eduardo (Editores) *Teorías sin disciplina: (latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización en debates)* <http://ensayo.rom.uga.edu/critica/teoria/castro/> s.p.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. “Latinoamericanismo, modernidad, globalización: prolegómenos a uma crítica poscolonial de la razón”. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago y MENDIETA, Eduardo (editores) *Teorías sin disciplina: (latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización en debates)* <http://ensayo.rom.uga.edu/critica/teoria/castro/> s.p.

²⁷ Referência à pergunta do poeta Mahamoud Darwish “Para onde devem voar os pássaros depois do último céu?”. Ver Bhabha. *O local da cultura*, p.198.

²⁸ MIGNOLO. *Histórias locais/ Projetos locais*, p.264.

²⁹ MIGNOLO. *Histórias locais/ projetos globais*, p.264.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. “Decolonizar la universidad: la hybris del punto cero y el diálogo de saberes” In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago y GROSGOQUEL, Ramón (editores) *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p. 79-91.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago y GROSGOQUEL, Ramón (editores) *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

CASTRO-GÓMEZ, Santiago y GROSGOQUEL, Ramón. “Prólogo: Giro decolonial, teoría crítica y pensamiento heterárquico”. In: CASTRO-GÓMEZ y GROSGOQUEL, Ramón (editores) *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007. p.9-23.

MIGNOLO, Walter D. “El pensamiento decolonial: desprendimiento y apertura: un manifiesto”. In: CASTRO-GÓMEZ, Silvano y GROSGOQUEL, Ramón (editores) *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central, Instituto de Estudios Sociales Contemporáneos y Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007 p.25-46.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/Projetos Globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Trad. de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MIGNOLO, Walter D. “Postoccidentalismo: el argumento desde América Latina. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago y MENDIETA, Eduardo (Editores) *Teorías sin disciplina: (latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización en debates)* <http://ensayo.rom.uga.edu/critica/teoria/castro/>.s.p.

NOLASCO, Edgar César. “Crítica subalternista ao sul”. In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURALS: subalternidade*. Campo Grande,MS: Editora UFMS, v.3, n.5, p,1-187, jan./fev. 2011. p.51-65.

RODRIGUEZ, Ileana. “Hegemonia y dominio: subalternidad, un significado flotante”. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago y MENDIETA, Eduardo (editores) *Teorías sin disciplina: (latinoamericanismo, poscolonialidad y globalización en debates)* <http://ensayo.rom.uga.edu/critica/teoria/castro/>.s.p.

SANTOS, Milton. “O mundo não existe” In: HISSA, Cássio Eduardo Viana(org.). *Conversações: de artes e de ciências*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011 p.169-176.

SOUZA, Eneida Maria de. *Tempo de pós-crítica: ensaios*. São Paulo: Linear B; Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2007.

